

AS IDEIAS DAS IDEIAS DE CANÁRIO: LITERATURA E SUBJETIVIDADE EM CONTEXTO DE PANDEMIA

IDEIAS FROM IDEIAS DE CANÁRIO: LITERATURE AND SUBJECTIVITY IN PANDEMIC CONTEXT

Felipe Gonçalves Figueira¹

RESUMO: O presente texto é uma reflexão sobre a experiência da leitura do conto “Ideias de canário”, de Machado de Assis, a partir do contexto de isolamento social forçado pela pandemia de Covid-19. Buscamos expressar de que forma a leitura literária é fundamental para atribuir sentidos à condição de reclusão domiciliar e a suas consequências físicas e psicológicas. Para isso, compreendemos a atitude dialógica como caminho fundamental para estabelecer contato estético com Machado, Macedo e o canário. No decorrer do artigo, fazemos uma pequena contextualização a partir de memórias e de notícias de jornal sobre a pandemia do coronavírus no ano de 2020. Realizamos análise do *corpus* literário proposto com ênfase em conceitos como autoria e heterodiscurso. Por fim, relacionamos as condicionantes sanitárias mundiais com os sentidos que a leitura nessa situação pode propiciar. Para o desenvolvimento desse estudo, são fundamentais os conceitos da análise do discurso fundada no pensamento de Bakhtin.

Palavras-chave: Machado de Assis; Ideias de canário; Covid-19; Mikhail Bakhtin; subjetividade.

ABSTRACT: This paper is a reflection on the experience of reading the short story *Ideias de canário*, by Machado de Assis, from the context of social isolation forced by the pandemic of Covid-19. I try to express how literary reading is fundamental to attribute meanings to the condition of home confinement and its physical and psychological consequences. For this reason, I understand the dialogical attitude as a fundamental way to establish aesthetic contact with Machado, Macedo and the canary. Throughout the paper, there is a small contextualization from my memories and news about the Coronavirus pandemic in 2020. I perform an analysis of the proposed literary corpus with emphasis on concepts such as authorship and heterodisourse. Finally, I relate the global health conditions with the meanings that reading in this situation can provide. For the development of this study, the concepts of discourse analysis based on Bakhtin's thought are fundamental.

Keywords: Machado de Assis; *Ideias de canário*; Covid-19; Mikhail Bakhtin; subjectivity.

¹ Doutor em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (UFF). Docente do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

1 Introdução

Em 26 de fevereiro de 2020, o governo brasileiro confirmou o primeiro caso de infecção por coronavírus - Covid-19 - em território nacional (BRASIL, 2020). Àquela época, ainda havia pouca compreensão do que seriam os efeitos práticos da chegada da doença. A minha compreensão pessoal do que se afigurava teve início, a partir da segunda semana de março, quando as instituições federais de ensino suspenderam presencialmente suas atividades pedagógicas e administrativas.

Reclusos em casa, assistimos - atônitos - à negligência de parte dos atores políticos. Incrédulos, tomamos conhecimento, em meados de abril, de que foi necessário o Supremo Tribunal Federal (STF) declarar que a competência para o enfrentamento da já galopante emergência sanitária era de natureza comum entre União, estados e municípios, como afirma Pinheiro (2020). Importantes esforços que deveriam estar sendo direcionados para aplacar os efeitos deletérios da pandemia estavam sendo desperdiçados com consultas ao tribunal constitucional em matérias cuja leitura do texto constitucional já é transparente no Artigo 23, Inciso II.

Passando de mais de cem mil mortos, vítimas do vírus, ainda vimos grande parte da população questionar as orientações das organizações de saúde de todo o planeta. Entre os negacionistas está - para tristeza, mas não surpresa - o presidente do país, segundo Lacerda (2020). O desestímulo do chefe do executivo federal a medidas de proteção individual e de distanciamento social é para grande parte da população o salvo-conduto político necessário para restabelecer a vida como se houvesse alguma normalidade (GLOBONEWS, 2020). E não pontuamos a falácia bem divulgada nas redes sociais de que “se parte da classe trabalhadora pega o transporte público lotado, não pode haver espanto que a praia fique lotada”. O transporte público lotado não justifica a praia, assim como a praia lotada não justifica o transporte público. Os sistemas de transporte e a mobilidade urbana nas grandes cidades brasileiras mais lembram túneis modernos a serviço do lucro privado (O GLOBO, 2019), do que um direito fundamental inscrito na Constituição Federal (Art. 6.º). Sua existência em condições de precariedade precisa ser compreendida durante pandemias ou fora de contexto de pandemias como índice da subcidadania nacional e nunca como justificativa ética para as escolhas individuais.

Ainda no primeiro semestre do ano de 2020, pairava sobre nossas cabeças a ideia de que, coletivamente adotando as medidas sanitárias recomendadas, a situação perduraria por poucos meses. No entanto, o que ocorreu neste momento foi que países europeus decretaram pela segunda vez a obrigatoriedade de isolamento social e *lockdown* para seus cidadãos, conforme noticiou o *DW Brasil* (2020). Enquanto no Brasil a primeira onda de infecções e mortes mantinha patamar de estabilidade, dizia a *Folha de S. Paulo* (2020).

A reclusão doméstica vem acompanhada da repetição. O espaço, que outrora fora visto como acolhimento, descanso, intimidade - significando para Gaston Bachelard como “um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (BACHELARD, 1988, p. 120) -, tem seu valor corroído pelas circunstâncias pandêmicas. Somos Simões Bacamartes e nos trancamos nas casas verdes que outrora chamamos de lar. O espaço e o tempo da casa se esvaem, confundindo-se lazer, trabalho, aborrecimentos burocráticos e pequenos prazeres cotidianos. A perda desse espaço-tempo sentimental já é por si só demasiado angustiante. É a perda de uma referência fundamental para os modos de organização de subjetividade em nossa

sociedade. Estamos trancafiados com nossos medos, nossos prazos, nossos compromissos, nossas frustrações, nossos desejos. E quem imaginava que coubesse tudo isso em um apartamento por tanto tempo?

A literatura pode ter papel importante nesse contexto. Há um escrito muito celebrado de Antonio Candido (2011) sobre a literatura como um direito humano. Tomando de empréstimo o conceito de Lebrecht, Candido (2011) problematiza sobre a necessidade de se classificar a literatura como um “bem incompressível”; ou seja, assim como o alimento, como a água, como o descanso, a literatura não pode ser negada a ninguém. Seu argumento toma como base a premissa de que a literatura é fator indispensável à humanização e, desse modo, confirma e conforma no ser humano a sua humanidade. A palavra organizada em sua expressão literária comunica ao espírito humano a partir da palavra de outro espírito humano, reorganiza a própria humanidade e pode ser instrumento de organização do mundo. A partir dessa dimensão fundamentalmente dialógica da experiência estética, “[...] a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, para a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2011, p. 182).

Frente ao tormentoso quadro político e social já dito anteriormente, a literatura apresentou-se como um caminho possível para mim de reorganização dos sentidos caóticos do mundo. Assim, as leituras literárias realizadas durante a pandemia têm sido atravessadas pela pergunta que dialogicamente ofereço aos autores, narradores e personagens: o que pode ser dito para que o mundo não permaneça à revelia de minha compreensão? Diálogo esse que tem sido entabulado na perspectiva do grande tempo, esse espaço de cultura em que a simultaneidade de sentidos e o encontro humano realizam-se a partir dos artefatos de cultura (BUBNOVA, 2015). O direito à literatura em tempos de isolamento social é certamente incompressível e urgente.

Se me for perguntado o que é uma boa literatura a partir de parâmetros estritamente objetivos, essa é uma resposta que não conheço, pois, para essa medição, não disponho de régua. O que conheço são autoras e autores cujas obras guardam a potência de novos sentidos a cada novo contexto de leitura. São textos que, ao encontrarem seus leitores nas mais variadas condições de recepção, têm a força de mobilizar o espírito de quem lê para uma leitura rediviva e humanizadora. Entre esses autores, é certo que encontraremos Machado de Assis.

O método de desenvolvimento do presente artigo guarda similitudes com tudo o que escrevi até aqui. Trata-se de uma busca por diálogo com autores, narradores e personagens para que, nessas circunstâncias de profunda falta de referentes e de esperança, contribuam para imprimir, em alguma medida, valores humanos à experiência do isolamento social. Para alcançar esse objetivo, analisarei o conto “Ideias de canário”, texto que compõe a coletânea *Páginas recolhidas*, do escritor Machado de Assis, aqui revisitado na edição preparada por Marta de Senna (2008).

2 Machado ou Macedo?

Houve um tempo no Brasil em que assistíamos a telenovelas praticamente em uníssono nacional. Naquelas produções de maior sucesso, era comum ouvirmos atores e atrizes comentando que o público na rua os confundia e as confundia com suas personagens. Com o romance acontece fato semelhante, que é a confusão entre a figura do autor - externo à obra - e a figura do narrador - elemento estruturante interno à obra. E é até compreensível que entre o público geral haja essa confusão, pois - simplificando bem - o que se vê é quem conta a história.

Muitas vezes essa confusão é intencionalmente evitada pelos autores de romances, com o recurso de construção explícita de outra voz para narrar a história. Para permanecermos na obra de Machado de Assis, basta lembrar a ambiguidade da condição de Brás Cubas, que não sabe se é “autor-defunto” ou “defunto-autor”. Ou, ainda, Dom Casmurro, que já no fim da vida decide escrever uma obra memorialística para “passar a vida a limpo”. Ao constituir essas imagens de autores para o texto que o leitor tem em mãos, Machado distancia-se da imagem de posição autoral. Esse recurso só é possível pela consciência estética de Machado sobre a pluralidade de vozes e ideologias que constituem a sociedade. Essas imagens de autor não se confundem com o próprio autor primário, pois são orientadas “verbo ideologicamente” (BEZERRA, 2005, p. 77) por princípios distintos. Já alertava Bakhtin que “o romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância social” (BAKHTIN, 2015, p. 29). A compreensão sobre a pluralidade de vozes sociais expressa nesses romances a que me refiro é perceptível tanto na perspectiva formal das imagens de autores quanto na organização do conteúdo, ao configurar esteticamente e dar voz a sujeitos apequenados interiormente, moralmente medíocres, mas que ostentam a condição de herdeiros em uma sociedade abissalmente desigual. Ou seja, a organização dessas imagens de autor perpassa a compreensão machadiana da pluralidade de vozes sociais, suas respectivas organizações ideológicas e expressões verbais.

Machado como autor é a consciência organizadora do romance e situa-se fora de sua criação. Brás Cubas e Bento Santiago também se apresentam como autores; no entanto, meramente como imagens, já que suas existências realizam-se apenas como literatura. Procedimento sutilmente diferente é a fabricação da personagem narradora Macedo. Vejamos trechos iniciais do conto:

[...] *Um homem* dado a estudos de ornitologia, por nome Macedo, referiu a alguns amigos um caso tão extraordinário que ninguém *lhe* deu crédito. Alguns chegam a supor que Macedo virou o juízo. Eis aqui o resumo da narração.

No princípio do mês passado, - disse *ele*, - indo por uma rua, sucedeu que um tîlburi à disparada, quase *me* atirou ao chão. (ASSIS, 2008, p. 81 - grifos meus)

O conto tem início com um narrador em primeira pessoa cuja voz é passível de confusão com a do próprio autor primário. O tom da narração é de conversa íntima, com tintas de um *causo* contado entre amigos. Assim posto, vemos esse narrador inicial se referir a Macedo como outra pessoa, a terceira pessoa nos pronomes “*lhe*” e “*ele*” no trecho descritivo inicial. Entretanto, ao introduzir a ação propriamente dita, o narrador primeiro faz citação à fala de Macedo em discurso direto, como vemos no pronome em primeira pessoa “*me*”. O efeito desse procedimento linguístico para a percepção do leitor é de que Macedo toma para si a narração como narrador em primeira pessoa do conto. Quando - no entanto - trata-se de uma personagem a quem o narrador inicial deu a fala em discurso direto logo no segundo parágrafo do texto. São dois os efeitos ligados à recepção que percebemos dessa construção: um estético e outro social. Em primeiro momento, há o estabelecimento de um acordo de leitura: Machado informa se tratar de “caso tão extraordinário” a ponto de julgarem que Macedo não estava em perfeito juízo. Disso resulta certa ambiguidade do conto: estaria mesmo o canário falando com o sujeito “dado a estudos de ornitologia”? Ou seria a narração de alguém fora de suas faculdades mentais ordinárias? Conforme posto, com a advertência de início, o leitor caminha sem a conclusão, tendo que sopesar as ações e palavras da personagem. A narrativa, portanto, é

construída dentro de um campo inconclusivo e aqui se situam os efeitos estéticos. Por último, há um afastamento do autor primário da matéria narrada. O tom de pilléria com que se refere à personagem - “dado a estudos de ornitologia” -, a dúvida lançada quanto à sanidade de Macedo - “virou o juízo” - são elementos que afastam a identificação de Machado com a personagem. E o procedimento de jogo entre as pessoas do discurso ao se referir a Macedo - ele *versus* eu - é a dimensão linguística dessa estratégia. Em alguns de seus romances, como *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* ou *Memorial de Aires* o afastamento do autor primário dá-se pela constituição de outra voz, interna à narrativa, que se apresenta como autor. No caso em análise, o procedimento é diferente - conforme esperamos ter demonstrado -, mas seus efeitos são similares: o deslocamento do autor primário - Machado de Assis - do centro do debate social sobre as questões e críticas apresentadas por meio de sua obra e a introdução da figura literária de Macedo.

Esse parágrafo inicial é bastante rico em elementos para a interpretação que propusemos. É preciso observar como Machado introduz o discurso e a articulação da fala do outro a partir de mecanismos linguísticos simples, embora de efeito elaborado. Ao se afastar da narrativa com esse recurso, o autor mascara a bivocalidade que se imprime no interior do heterodiscurso: “serve ao mesmo tempo a dois falantes e traduz simultaneamente duas intenções: a intenção direta da personagem falante e a intenção refratada do autor” (BAKHTIN, 2015, p. 113). Para interpretar o discurso crítico refratado de Machado a partir de Macedo, sugerimos antes nos aventurarmos sobre as ambiguidades da construção da personagem.

3 Macedo ou Macedo?

O escritor argentino Ricardo Piglia (2004), em seu texto “Teses sobre o conto”, oferece-nos uma rica chave de análise para o gênero. Diz o pensador latino-americano em uma de suas teses:

[...] Num de seus cadernos de notas, Tchekhov registra esta anedota: ‘Um homem em Montecarlo vai ao cassino, ganha um milhão, volta para casa, suicida-se’. A forma clássica do conto está condensada no núcleo desse relato futuro e não escrito.

Contra o previsível e o convencional (jogar - perder - suicidar-se), a intriga se oferece como um paradoxo. A anedota tende a desvincular a história do jogo e a história do suicídio. Essa cisão é a chave para definir o caráter duplo da forma do conto.

Primeira tese: um conto sempre conta duas histórias. (PIGLIA, 2004, p. 89)

A forma breve do conto condensa, de acordo com essa perspectiva, duas histórias: uma das quais dita; e outra, à sombra. Difere das formas nas quais tudo é dito, e a atividade de leitura permanece, a maior parte do tempo, como um mero receptor. No conto, o leitor é acionado para ler além da história de primeiro plano. Isso se dá a partir da intensa atividade dialógica entabulada com o narrador: demanda própria do gênero segundo o desenvolvimento que faço desse pensamento de Piglia (2004). As posições dos sujeitos envolvidos estão intimamente marcadas pelas funções exercidas em razão dessa específica forma de construção

narrativa. De um lado, a instância intraliterária criada pelo autor, elemento organizador do enredo: narrador. De outro, elemento extraliterário responsável pelo revivamento do discurso artístico a partir de circunstâncias sociais sempre novas e renovadas: leitor.

A ação criadora do leitor dá-se muito pouco em relação àquilo que está dado, claro e explícito. Embora a linguagem literária seja metafórica por natureza, na maioria das vezes a carruagem que passa na rua é realmente e simplesmente uma carruagem; e o revólver encontrava-se na cena efetivamente para disparar um tiro. É, pois, nas frestas do discurso do narrador em que se opera a grande e importante atividade do leitor. Justamente naquilo que não é dito, mas permanece na ambiguidade ou na franja narrativa, é que o leitor mais projeta sua consciência criadora. E o conto - com suas duas histórias - é o gênero no qual esse processo se opera de maneira mais pungente. Ao realizar essa proposição teórica, creio que encontro o pensamento de Piglia (2004) em sua segunda tese:

[...] O conto é um relato que encerra um relato secreto. Não se trata de um sentido oculto que dependa de interpretação: o enigma não é outra coisa senão uma história contada de um modo enigmático. A estratégia do relato é posta a serviço dessa narrativa cifrada. Como contar uma história enquanto se conta outra? Essa pergunta sintetiza os problemas técnicos do conto.

Segunda tese: a história secreta é a chave da forma do conto e de suas variantes. (PIGLIA, 2004, p. 91)

É relevante observar que Piglia (2004) não crê tratar-se de um enigma deixado ao leitor - como em um caso policial - nem é esse o sentido que venho apresentando. Ao contrário, o elemento formal que permite o leitor de vasculhar as áreas de penumbra do segundo relato é a posição dialógica privilegiada que tem nesse gênero. O narrador enreda-nos em duas histórias: uma delas às claras; e outra, às franjas da primeira. Mikhail Bakhtin, ao analisar a questão do discurso dialógico, afirmou que

[...] ao analisarmos uma réplica, devemos considerar a influência determinante do interlocutor e seu discurso, que se exprime na relação do próprio falante com o interlocutor e sua palavra. O elemento lógico-objetal da palavra torna-se palco do encontro de interlocutores, a arena da formação dos pontos de vista e apreciações. (BAKHTIN, 2016, p. 123)

Portanto, como leitores, realizamos ação responsiva ao discurso do narrador. Mesmo nos mantendo calados, nossa réplica é também um discurso. E, segundo a proposição de Piglia (2004), é essa atitude do leitor que consubstancia o conto além do conto, aquele na penumbra. O encontro ocorre nessa “arena da formação dos pontos de vista”, que é ao mesmo tempo o palco do encontro e sua construção discursiva, já que se dá pelo contato entre subjetividades.

Resta, então, a questão: quais são os dois contos presentes em “Ideias de canário”? Em resposta, sintetizamos nossa leitura: ou Macedo é um homem são e estamos lendo seu encontro com um canário maravilhoso, ou Macedo é um homem mentalmente doente e o conto é sua alucinação. A narrativa do “juízo virado” de Macedo está nas frestas daquela em primeiro plano, Machado deixa as pistas para que possamos ler a obra no limite das hipóteses:

[...] Um sábado amanheci enfermo, a cabeça e a espinha doíam-me. O médico ordenou absoluto repouso; excesso de estudo, não devia ler nem pensar, não devia saber sequer o que se passava na cidade ou no mundo. (ASSIS, 2008, p. 87)

O que o médico receita a seu paciente é efetivamente alienação. Macedo deve se alienar do mundo para poder curar sua doença. São índices como esse que nos permitem perceber esse segundo conto: e assim, de cabo a rabo, vamos ressignificando todas as ações e falas da personagem. Logo antes da citada intervenção médica, temos o seguinte trecho:

[...] Nos últimos dias, não saía de casa, não respondia a cartas, não quis saber de amigos nem parentes. Todo eu era canário. De manhã, um dos criados tinha a seu cargo limpar a gaiola e pôr-lhe água e comida. *O passarinho não lhe dizia nada, como se soubesse que a esse homem faltava qualquer preparo científico.* Também o serviço era o mais sumário do mundo; o criado não era amador de pássaros. (ASSIS, 2008, p. 87 - grifos meus)

A hipótese de Macedo para o fato de o canário não falar com outras pessoas está destacada no texto e é risível. O trecho pode ser lido como a afirmação de si de um sujeito grandiloquente que, por acumular determinados saberes, considera-se de natureza superior aos demais. Pode, por outro lado, ser a justificativa de um alienado para as próprias loucuras. De qualquer forma, trata-se de incapacidade do sujeito de ver a si na real condição, seja intelectual ou psiquiátrica.

Nesse ponto, retorno à proposta de Piglia (2004) segundo a qual o “conto é um relato que encerra um relato secreto” e faço um acréscimo bakhtiniano: o conto é um gênero profundamente bivocal. O discurso, ao abrir caminho para seu sentido e sua expressão como de um meio verbalizado pelas diferentes dicções do outro, entrando em assonância ou dissonância com os seus diferentes elementos, pode enformar sua feição e seu tom estilístico nesse processo dialogizado. No conto, então, há sempre mais de uma apresentação do mundo, e, não raras vezes, há um desacordo entre ambas. É o caso desse conto de Machado, pois as duas possibilidades de leitura, ou os dois Macedos, estão frontalmente se afirmando e se negando durante todo o texto.

Ao fim da seção anterior, deixamos solta a ponta de análise sobre o discurso refratado do autor expresso na dimensão heterodiscursiva da construção da personagem Macedo. Os Macedos - o dito e o subentendido - estão no mesmo campo temático de grande parte da obra do “bruxo de Cosme Velho”: o debate sobre a loucura e o risível da grandiloquência do discurso supostamente científico daquele momento histórico. É um texto de debate de ideias, da arena de vozes sociais, assim como outras partes de sua obra. E, ao refratar em uma mesma personagem essas duas possibilidades interpretativas, parece bastante clara a posição machadiana na polêmica de seu tempo. Relembramos outro texto de Machado em que o narrador, com certa ironia, aponta conclusões semelhantes:

[...] Mas o ilustre médico, com os olhos acesos de convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da casa verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. [...] Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itaguaí; [...]. (ASSIS, s/d, p. 55)

Enquanto polemista em um tempo histórico fortemente influenciado por ideais ligados ao cientificismo, Machado era um sujeito dissonante e disso tinha perfeita consciência. Na linha de fogo, o autor soube manusear os recursos literários de que dispunha: as imagens de autor construídas em alguns de seus romances, as referências a supostas fontes históricas primárias - crônicas da Vila de Itaguaí - ou - no caso do conto em análise - esse fino distanciamento a partir de troca da pessoa do discurso.

4 Um canário de ideias

No tempo histórico de enunciação das obras de Machado havia entre os romancistas nacionais um grande empenho em revelar o Brasil, ou talvez criar alguma imagem de país. Temos, nesse momento, um esforço por parte dos autores em descrições de matas e paisagens: espaço em tons de exotismo e mistério tropical. Os habitantes desse país que se erguia de papel e tinta eram em tudo parecidos com esse local heroico e misterioso. Por outro lado, coexistiam proposições estéticas que representavam o espaço e as condições sociais dos viventes como determinantes da subjetividade das personagens. As brasileiras e os brasileiros condicionados pelos fatores dessa terra decaída e imoral eram, eles também, decaídos e imorais. Se fizermos um apanhado geral da literatura naquele momento, confirmaremos a nossa hipótese sobre a importância da descrição do espaço como uma espécie de ativismo literário com fins a descobrir algum “sentido-Brasil”. O acento ideológico quanto aos valores éticos e estéticos impressos nessas descrições variam de acordo com os contextos de formação e de enunciação dos romancistas. Nesse quadro geral, posicionar Machado de Assis tem sido uma tarefa nada fácil para os críticos e estudiosos da literatura brasileira.

A obra de Machado efetivamente se distancia bastante do restante da produção literária de seu tempo. Sem buscar aprofundamentos que não caberiam nas dimensões e nos objetivos desse artigo, ressaltamos um ponto fundamental: a compreensão do mundo centrada no ser humano como “centro irradiador dos valores do universo da visão estética” (BEZERRA, 2018, p. 251). O que seja: a compreensão machadiana expressa em sua obra do ser humano como princípio organizador da própria visão de mundo. As personagens não são meros desdobramentos dos valores ideológicos do autor exercendo funções específicas na trama. Os homens e as mulheres que habitam o universo ficcional machadiano são sujeitos de suas ideias e em contato com outros homens e outras mulheres igualmente sujeitos de suas ideias; portanto, é a partir da conformação individual de cada personagem que entram em conflitos, negociam, transacionam, questionam, disputam, etc. Para cada uma das personagens há uma frente, uma feição, uma posição no mundo e uma organização verboideológica que se relaciona com a própria constituição. Esses elementos são condição necessária para a organização dialógica da obra romanesca de Machado: o diálogo só se estabelece a partir do contato com o outro, com formas distintas de percepção e reprodução do mundo. Nesse sentido, queremos evidenciar que a personagem canário no conto em estudo não pode ser interpretada como mero elemento incidental da narrativa que permite o desdobramento da ação. O canário é o outro para Macedo, sua fala é uma réplica desse e vice-versa.

Em sua primeira aparição, o canário está reduzido na perspectiva de Macedo à condição de mercadoria de loja de belchior. É fala de Macedo: “[...] Ia a sair, quando vi uma gaiola pendurada da porta. Tão velha como o resto, para ter o mesmo *aspecto da desolação geral*, faltava-lhe estar vazia. Não estava *vazia*. Dentro pulava um canário” (ASSIS, 2008, p. 82 - grifos meus).

Encontrado entre panelas sem tampas e tampas sem panelas, a viva existência do canário naquela gaiola é, por si só, incoerente. Quando Macedo pergunta sobre o mundo ao animal, tem a seguinte resposta:

[...] — O mundo, redarguiu o canário *ar de professor*, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira. (ASSIS, 2008, p. 84 - grifo meu)

A resposta do canário é, contra as expectativas de Macedo, uma compreensão diferente da sua. Essa compreensão pressupõe um sujeito - eu - organizador do mundo a partir de suas impressões e, nesta ordem, o canário não é uma mercadoria barata à disposição em uma loja caótica. O canário, ao organizar o mundo a partir de sua consciência, percebe-se senhor daquela mixórdia em que se encontrava. Pode haver quem queira deitar o canário no divã para conversar sobre seu ego. No entanto, percebo esse trecho do conto como uma chave de leitura em outro caminho, a saber: o canário tem uma compreensão do mundo e organiza seus sentidos a partir da sua perspectiva. Há o “eu” que, em contato com o “outro”, pergunta, responde, dialoga, transige e representa a realidade: se tudo isso está a meu redor e o homem me serve água e comida, hei de ser o senhor desse espaço! Esse canário, ao contrário de Macedo, tem suas ideias próprias. Aliás, o título original do conto era justamente a pergunta feita três vezes à ave: “que é o mundo?” (SENNA, 2008, p. XI). E a resposta, “com certo ar de professor”, evidencia que a ave não se coloca em condição subalternizada no diálogo com Macedo. Ao contrário, a forma de sua fala transparece domínio do conteúdo daquilo que é dito e certa superioridade quanto ao ouvinte, que desconhece sobre a natureza do mundo em lojas de belchior.

Além de negar a condição de mercadoria, o canário expressa-se como um ideólogo: há ênfase no título! As ideias em debate - na perspectiva heterodiscursiva - são objeto de representação no conto, mas não podem ser representadas dissociadas dos homens, seus portadores. Não pode, portanto, a ideia ser representada com autonomia, mas apenas a partir de um sujeito de ideias. Retomando as considerações anteriores sobre o autor e seu tempo, é pertinente lembrar que - entre outros aspectos - Machado é um ponto fora da curva em nossa literatura nacional justamente por constituir suas personagens na condição de homens de ideias. Esse canário é da mesma linhagem de Dom Casmurro, Brás Cubas, Conselheiro Aires e por aí em diante. Sobre as ideias e o encontro com o outro, Bakhtin (2008) pondera que, isoladas na consciência individual de um ser humano, as ideias não prosperam, elas degeneram e morrem. A potência das ideias é essencialmente dialógica: pelo encontro com o outro; pelo contato vivo com a ideia do outro é que há desenvolvimento, renovando-as expressivamente enquanto verbo e produzindo novas ideias.

A narrativa do próprio conto é o desenvolvimento da ideia do canário em contato com Macedo. A pergunta feita três vezes, “que é o mundo?”, por três vezes recebe respostas distintas. A partir de sua individualidade estética, a personagem canário lança-se à atividade de ideólogo em três condições distintas, a saber: preso na gaiola em uma loja de belchior, preso na gaiola em um jardim largo com repuxo no meio e em liberdade em um “espaço infinito e azul, com o sol por cima” (ASSIS, 2008, p. 88).

A relação entre Macedo e o canário é marcada por tentativas de dominação. É por buscar fazer uma descrição do fenômeno e causar “assombro ao século” com a “extraordinária

descoberta” (ASSIS, 2008, p. 85) que Macedo compra a ave e a transfere para a varanda de sua casa. O animal, no entanto, mostra-se indominável ao cientificismo do ornitólogo, pois sua vida excede às teorias. A busca de domínio de Macedo sobre o animal não se expressa apenas nas barras da gaiola, mas na tentativa de molduragem, ou seja, “interferir no discurso do outro com o intuito de modificá-lo a partir de um molde e alterar seu enunciado” (BEZERRA, 2015, p. 248). É a tentativa de enquadramento parasitário e pseudocientificista da vida vivida e pujante. Quando questionado novamente sobre o mundo, a resposta é a seguinte:

[...] – O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira.

Também a *linguagem sofreu algumas retificações*, e certas conclusões, que me tinham parecido simples, vi que eram temerárias. (ASSIS, 2008, p. 86 – grifo meu)

O ar professoral do canário na primeira resposta não se repete agora. A percepção de alterações na linguagem do animal anotada por Macedo é consequência das relações de dominação entre os dois sujeitos e a busca por Macedo de uma molduragem do discurso do canário aos seus interesses. É preciso perceber a crítica machadiana refratada na ação de suas personagens. Macedo, o ornitólogo, é uma espécie de parasita das ideias do canário, pois ele próprio é estéril enquanto ideólogo. Seu trabalho consiste em classificar, emoldurar e descrever, mas nunca em compreender, criar ou estar aberto à consciência criadora do outro. Por isso mantém a prisão do canário, tentando reduzi-lo à condição de objeto de sua ciência, sem reconhecer a autoria de sua filosofia.

Após a fuga do animal, Macedo vai à casa de um amigo cuja chácara é “uma das mais belas e grandes” dos arrabaldes. Lá, o canário chama sua atenção a partir do topo de uma árvore. A posição da ave é um índice da nova relação que estabelece com o homem: de cima do galho não pode mais ser cerceado. Guarda, portanto, nas dimensões, sua estatura de ideólogo frente ao pedestre Macedo. Do alto, ao ser questionado sobre o mundo, responde:

[...] – Que mundo? Tu não perdes os maus *costumes de professor*. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima.

Indignado, retorqui-lhe que, se eu lhe desse crédito, o mundo era tudo; até já fora uma loja de belchior...

– De belchior? - trilou ele às bandeiras despregadas. Mas há mesmo lojas de belchior? (ASSIS, 2008, p. 88. - grifo meu)

O tom professoral que na primeira resposta maquiava o rosto do canário é agora caracterizador de Macedo em aspecto negativo: enfadonho, pequenino e opressor. A liberdade imputa ao canário novo horizonte de avaliação. Sujeito de valores vivos, a partir da nova experiência, o canário reordena suas certezas anteriores e estabelece uma nova explicação para o mundo. A nova explicação tem como ponto de vista a liberdade do céu azul e a segurança dos galhos altos das árvores. Em sua nova teoria, até mesmo as lojas de belchior são ontologicamente questionadas.

5 Canário, lojas de belchior, liberdade e coronavírus

Retomando a proposição de Antonio Candido (2011) sobre a literatura como um direito humano, é a partir da leitura do conto que pude desenvolver variadas reflexões sobre a atual situação de isolamento social. O excedente de humanidade que Machado transformou em obra literária é a quota parte estética que recebo e multiplico em sentidos a partir dessa nossa perspectiva atual, única e irrepetível. “[...] A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro a se organizar; em seguida, a organizar o mundo [...]” (CANDIDO, 2011, p. 179)

A fundamentação ética desse direito à literatura tem relação com a possibilidade de, a partir do contato com o discurso artístico, a partir desse dialogismo franco e íntimo com as ideias do autor, possibilitar ao leitor reordenar as coordenadas do seu mundo e atribuir sentidos renovados às próprias experiências. Processo que é atravessado pelo encontro criativo de consciências. Em meio ao caos social de uma pandemia - inseguro pela falta de ações eficientes das instâncias públicas, afligido e aflito de incertezas, longe de familiares e amigos -, estabeleço encontro dialógico com Machado de Assis a partir da leitura de seus contos. Isso foi fundamental para o processo de inflexão e compreensão de meus próprios sentimentos e dúvidas. E como Machado pode contribuir para compreendermos uma emergência do século XXI? Vejamos:

[...] Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundezas do sentido. Sem levantar *nossas* questões não poderemos compreender nada do outro, do alheio, ou de modo criativo [...]. (BAKHTIN, 2017, p. 19 - grifo no original)

Portanto, os sujeitos desse encontro não fundem ou confundem suas culturas, cada um mantém seu ser, mas na abertura para a voz do outro, enriquecendo-se mutuamente. Por evidente, essa postura dialógica para a leitura não pressupõe buscar em Machado alguma menção textual à pandemia que assola o globo mais de cem anos após sua morte. A busca é por perceber sentidos redivivos que se comunicam à nossa experiência atual e que, portanto, podem contribuir para a compreensão do tempo presente, sem reducionismos ao referente.

Forçada por um “tílburi à disparada”, a entrada de Macedo na loja de belchior é um momento rápido na narrativa. Não há descrições de sua fachada nem outra característica do estabelecimento. A personagem é arremessada para o interior da loja, que é, como outro mundo, alheio ao exterior:

[...] Nem o estrépito do cavalo e do veículo, nem a minha entrada fez levantar o dono do negócio, que cochilava ao fundo, sentado numa cadeira de abrir. Era um frangalho de homem, barba cor de palha suja, a cabeça enfiada em um gorro esfarrapado, que provavelmente não achara comprador. (ASSIS, 2008, p. 81)

Não apenas esse mundo misterioso onde habita o canário falante é de uma lógica própria que causa espanto aos estrangeiros:

[...] Panelas sem tampa, tampas sem panela, botões, sapatos, fechaduras, uma saia preta, chapéus de palha e de pêlo, caixilhos, binóculos, meias casacas, um florete, um cão empalhado, um par de chinelas, luvas, vasos sem nome, dragonas, uma bolsa de veludo, dous cabides, um bodoque, um termômetro, cadeiras, um retrato litografado pelo finado Sisson, um gamão, duas máscaras de arame para o carnaval que há de vir, tudo isso e o mais que não vi ou não me ficou de memória, enchia a loja nas imediações da porta, encostado, pendurado ou exposto em caixas de vidro, igualmente velhas. Lá para dentro, havia outras cousas mais e muitas, e do mesmo aspecto, dominando os objetos grandes, cômodas, cadeiras, camas, uns por cima dos outros, *perdidos na escuridão*. (ASSIS, 2008, pp. 81-82 - grifo meu)

Lendo esses trechos em tempos de coronavírus, logo passo a refletir sobre a condição de necessário isolamento social a que muitos de nós nos condicionamos por respeito à saúde coletiva e acato às ordens das entidades de saúde. Tais quais Macedos, entramos nessa nova realidade alheios à nossa vontade e de modo abrupto, não tínhamos em horizonte tantos e tantos meses com mais de mil mortes diárias, não sabíamos que haveria uma segunda onda. De repente, nos recolhíamos, extremamente desconfiados da gestão da pandemia pelos governos - em algumas localidades nas três esferas: União, estado e município! Recebíamos pelas telas eletrônicas notícias de pouca adesão da população ao uso de máscaras ou às medidas simples de distanciamento. Por vezes, passamos os olhos em nossa saúde mental, nosso trabalho, nossa casa e identificamos a mesma organização dessa loja de belchior: literariamente e literalmente! Procuramos nosso canário falante, algo que imprima sentidos ao absurdo, mesmo que esse algo seja igualmente absurdo. E, nesse contexto todo, por vezes, nos vemos como Macedo bifronte: no limite entre racionalizar aquilo que está além da nossa compreensão ou com a sanidade um pouco abalada? É extremamente difícil separar em nós mesmos essas duas dimensões.

No último encontro entre Macedo e o canário, do alto da árvore, a ave repreende o ornitólogo por seus “maus costumes de professor”. Toda a situação pandêmica também nos repreende por aquilo que é mau em nossos costumes de professores e intelectuais. No caminhar da experiência, compreendi justamente que a situação me excede em muito, e que sua totalidade será incompreensível até mesmo por nosso conjunto social por bastante tempo. Mesmo com a chegada da vacina, a experiência da pandemia ainda há de reverberar em cada um de nós individualmente e também como sociedade. No entanto, se relermos a fala do canário em seu primeiro acaso com Macedo, veremos que é a ave descrita com “certo ar de professor” (ASSIS, 2008, p. 84), ou seja, a mesma característica que ao fim repreende em Macedo. O ornitólogo é o mesmo no começo e no fim da obra. A mudança está na condição do canário: ao fim está livre, assentado em galho alto acima da mesquinhez dos homens; é a liberdade o fator de mudança. E a contraditória compreensão de que a situação envolvendo o coronavírus ainda nos será incompreensível por bastante tempo talvez seja a nossa liberdade de certas angústias.

A última reflexão que farei nesse artigo guarda ligação com a postura ética do canário em relação ao mundo durante toda a obra. Sempre que perguntado sobre a natureza do mundo, a ave descrevia aquilo que a circundava, atribuindo sentidos a partir da sua experiência - como o dono da loja de belchior ser seu servo por lhe servir comida e água. E, no entanto, é igualmente

certo que o canário sabia que havia um mundo para além das gaiolas: se não fosse assim, não fugiria. Escapar - em qualquer circunstância - é sempre uma aposta de que o lugar - ou a situação - para a qual se dirige é melhor em algum aspecto em relação àquela que já se encontra. Fugir é também uma aposta no futuro, na certeza - ou seria fé? - de que a nova condição será bálsamo para as feridas de antes. Com essa reflexão, quero evidenciar que o canário não deixa de viver o presente, mesmo com as condicionantes da gaiola. Não deixou de atribuir sentidos à loja de belchior e ao jardim da casa de Macedo. Viveu conforme podia e daquelas experiências imediatas retirava os elementos para constituir sua própria compreensão, sua subjetividade. No entanto, na oportunidade que teve para fugir, também soube aproveitar, reinventando-se e constituindo o mundo a partir de novos referenciais de liberdade. Nesse momento de recolhimento domiciliar, tenho feito planos apontando para quando a pandemia acabar, ou quando houver vacina para todos. Deposito em um momento futuro, de data ainda a ser definida e incerta, muito da minha pulsão de vida, dos meus desejos: o encontro com os amigos, a saída ao cinema, a confraternização com a família, o encontro descontraído no café ou no bar. Assim fazendo, afasto o prazer necessário em viver, esvazio o tempo presente de sentidos possíveis. E, assim, essa experiência que é bastante incômoda, torna-se insuportável. É preciso, portanto, viver o isolamento social em sua plenitude naquilo que essa experiência pode ser; e esses sentidos são extremamente individualizados, assim como a visão de mundo expressa pelo canário.

6 Conclusão

Infelizmente, a possibilidade de acesso à literatura ainda está muito longe de ser um direito em nosso país. Na verdade, configura-se muito mais como um privilégio de poucos. Em situações como a crise sanitária atual, é possível perceber ainda com mais clareza a razão pela qual a literatura e as outras expressões artísticas são tão relegadas ou até mesmo combatidas por determinados grupos políticos. Na arte encontramos a potência do ser humano, pois a nossa força é esse encontro empático e aberto com o outro a partir do qual podemos nos (re)pensar e (re)avaliar constantemente. Sujeitos sem acesso à arte são navegadores sem sextantes. E uma pandemia é uma tempestade. As estrelas não se confundem com o navegador. Em uma perspectiva dialógica, isso significa dizer que, sem o outro, não conseguimos ter acesso às coordenadas para compreender o mar da vida e os continentes circundantes, não temos condições de navegar. “[...] O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele *olha o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*.” (BAKHTIN, 2006, p. 341 - grifo meu)

Não é sem razão, portanto, que, no conto “Ideias de canário”, um dos índices da loucura de Macedo seja se afastar das demais pessoas de seu convívio: “[...] não saía de casa, não respondia a cartas, não quis saber de amigos nem parentes” (ASSIS, 2008, p. 7). Ao ler o conto, encontro outros que são indivíduos reais - Machado - e também os literários - Macedo e canário: “[...] estético é aquilo que integra a obra, portanto, individualidade estética é aquela que integra a estrutura da obra, isto é, a personagem (ou personagens)” (BEZERRA, Mimeo, p. 2). Assim, na fronteira entre as consciências, nossas e as de Machado, Macedo e do canário, busco atribuir algum sentido à caótica experiência da pandemia. Reverberam em mim as ideias das ideias de canário, para que o isolamento social, esse tempo-gaiola, não seja apenas espera e projeção, mas também da vida necessária, vida presente.

Referências

- ASSIS, M. de. *O Alienista*. São Paulo: Ática, s/d. (Col. Bom livro)
- ASSIS, M. de. *Páginas recolhidas - Relíquias da casa velha*. Edição preparada por Marta de Senna. Col. Contistas e cronistas do Brasil. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: estilística*. Trad. Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje (resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*). In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BEZERRA, P. *Dialogismo e polifonia em Esaú e Jacó*. S/d. Mimeo.
- BEZERRA, P. *Dostoiévski: "Bóbok"*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- BEZERRA, P. Breve glossário de alguns conceitos-chave. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: estilística*. Trad. Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BEZERRA, P. Posfácio. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do espaço*. Trad. Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BUBNOVA, T. O que poderia significar o Grande Tempo. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*, São Paulo, v. 10, n. 2, pp. 5-16, ago. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732015000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 nov. 2020.
- BRASIL. *Brasil confirma caso do novo coronavirus*. Brasília, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 30 out. 2020.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- DW BRASIL. Cada vez mais países europeus retomam lockdown contra nova onda de covid-19. *DW Brasil*. 1.º nov. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/cada-vez-mais-pa%C3%ADses-europeus-retomam-lockdown-contra-nova-onda-de-covid-19/a-55466495>. Acesso em: 1.º nov. 2020.
- FOLHA DE S. PAULO. Brasil passa de 160 mil mortes pela Covid-19, mostra consórcio de imprensa. *Folha de S. Paulo*. 1.º nov. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/11/brasil-passa-de-160-mil-mortes-pela-covid-19-mostra-consorcio-de-imprensa.shtml>. Acesso em: 1.º nov. 2020.

GLOBO, O. Enfim, começa a ser aberta a caixa-preta das empresas de ônibus. *O Globo*. 20 nov. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/enfim-comeca-ser-aberta-caixa-preta-das-empresas-de-onibus-24089438>. Acesso em: 30 out. 2020.

GLOBONEWS. Rio tem praias cheias e desrespeito às regras da pandemia neste sábado. *G1*. 5 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/05/rio-tem-praias-cheias-e-desrespeito-as-regras-da-pandemia-neste-sabado.ghtml>. Acesso em: 30 out. 2020.

LACERDA, N. 125 mil mortos: Bolsonaro desestimula uso de máscara de proteção contra a covid. *Brasil de Fato*. 4 set. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/09/04/125-mil-mortos-bolsonaro-desestimula-uso-de-mascara-de-protecao-contr-a-covid>. Acesso em: 30 out. 2020.

PIGLIA, R. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PINHEIRO, R. STF reconhece competência de estados e municípios em regras de isolamento. *Rádio Senado*. Senado Federal. 16 abr. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/stf-reconhece-competencia-concorrente-de-estados-df-municipios-e-uniao-no-combate-a-covid-19#:~:text=O%20STF%20confirmou%20compet%C3%Aancia%20concorrente,combater%20pandemia%20da%20covid%2D19.&text=A%20maioria%20dos%20ministros%20reconhece,a%20autonomia%20dos%20demais%20entes>. Acesso em: 30 out. 2020.

SENNA, M. de. Introdução. In: ASSIS, M. *Páginas recolhidas - Relíquias da casa velha*. Edição preparada por Marta de Senna. Col. Contistas e cronistas do Brasil. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

Recebido em: 28/02/2021

Aceito em: 04/07/2021